

## CONHECIMENTO E FORMAÇÃO HUMANA EM TEMPOS DE ANTI-INTELECTUALISMO

## KNOWLEDGE AND HUMAN FORMATION IN TIMES OF ANTI-INTELLECTUALISM

## CONOCIMIENTO Y FORMACIÓN HUMANA EN TIEMPOS DE ANTIINTELECTUALISMO

Giselle Carvalho Bernardes<sup>1</sup>  
Juliana de Castro Chaves<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo aborda os desafios e as possibilidades do conhecimento científico articulado à formação humana em tempos de anti-intelectualismo, à luz da Teoria Crítica da Sociedade, com base nas reflexões de Adorno e Horkheimer. No modo como se realiza o avanço dos meios de informação e comunicação, embora aparente possibilitar a democratização dos conteúdos ao promover a ideia de igualdade de acesso à informação, oculta as profundas diferenças de classe existentes na sociedade. Esse contexto não só escamoteia desigualdades, mas também intensifica os obstáculos para a compreensão crítica e aprofundada da realidade. Na dialética entre conhecimento, razão, experiência e formação, sob uma perspectiva crítica da sociedade, torna-se evidente que a constituição de um conhecimento capaz de orientar a formação para a emancipação exige resistência às tendências anti-intelectualistas do mundo contemporâneo. Este cenário é caracterizado pelo domínio da instrumentalização da razão e da ciência, que compromete tanto a possibilidade de um debate intelectual quanto a promoção de um conhecimento crítico e reflexivo, elementos fundamentais para a construção de uma sociedade verdadeiramente esclarecida e emancipada.

**Palavras-chave:** Conhecimento Científico; Formação Humana; Anti-intelectualismo; Teoria Crítica.

### ABSTRACT

This article addresses the challenges and possibilities of scientific knowledge linked to human development in times of anti-intellectualism, through the lens of the Critical Theory of Society, based on the reflections of Adorno and Horkheimer. While the advancement of information and communication technologies appears to enable the democratization of content by promoting the idea of equal access to information, it conceals the deep class disparities present in society. This context not only masks inequalities but also exacerbates the challenges to critically and deeply understanding reality. In the dialectic between knowledge, reason, experience, and education, from a critical societal perspective, it becomes evident that the construction of knowledge capable of guiding education toward emancipation requires resistance to the anti-intellectualist

<sup>1</sup> Doutorado em Educação pela UFG. Docente do Instituto Federal de Goiás. <https://orcid.org/0000-0002-1001-4946>. <https://lattes.cnpq.br/8942579311298183>. E-mail: [giselle.bernardes@ifg.edu.br](mailto:giselle.bernardes@ifg.edu.br)

<sup>2</sup> Pós-doutorado em Educação pela UFSC. Doutorado em Psicologia Social pela PUC-SP. Docente da Faculdade de Educação e da Pós-graduação em Educação da UFG. <https://orcid.org/0000-0002-9546-5622>. <http://lattes.cnpq.br/3451634243455443>. E-mail: [julianacastro@ufg.br](mailto:julianacastro@ufg.br).

tendencies of the contemporary world. This scenario is characterized by the dominance of the instrumentalization of reason and science, which undermines both the possibility of intellectual debate and the promotion of critical and reflective knowledge, essential elements for building a truly enlightened and emancipated society.

**Keywords:** Scientific Knowledge; Human Formation; Anti-intellectualism; Critical Theory.

## RESUMEN

Este artículo aborda los desafíos y las posibilidades del conocimiento científico vinculado a la formación humana en tiempos de antiintelectualismo, desde la perspectiva de la Teoría Crítica de la Sociedad, basándose en las reflexiones de Adorno y Horkheimer. Aunque el avance de los medios de información y comunicación parece permitir la democratización de los contenidos al promover la idea de igualdad en el acceso a la información, oculta las profundas desigualdades de clase presentes en la sociedad. Este contexto no solo encubre dichas desigualdades, sino que también intensifica los obstáculos para comprender la realidad de manera crítica y profunda. En la dialéctica entre conocimiento, razón, experiencia y formación, desde una perspectiva crítica de la sociedad, se hace evidente que la construcción de un conocimiento capaz de guiar la formación hacia la emancipación requiere resistir las tendencias antiintelectualistas del mundo contemporáneo. Este escenario se caracteriza por el dominio de la instrumentalización de la razón y la ciencia, que compromete tanto la posibilidad de un debate intelectual como la promoción de un conocimiento crítico y reflexivo, elementos fundamentales para construir una sociedad verdaderamente esclarecida y emancipada.

**Palabras clave:** Conocimiento Científico; Formación Humana; Antiintelectualismo; Teoría Crítica.

## INTRODUÇÃO

Em tempos de anti-intelectualismo, torna-se urgente a reflexão sobre o conhecimento formativo, uma vez que os desafios para promover uma formação humana emancipada se intensificam. Este momento histórico exige que nos voltemos para os fundamentos, desafios e possibilidades de se conhecer a realidade de forma crítica e aprofundada.

O modo capitalista como a vida é produzida atualmente — guiada por valores neoliberais e instrumentalistas (Chaves, 2015) — acentua tendências anti-intelectualista e afeta diretamente as formas de compreender ciência, sujeito e sociedade. Esse processo atua como um obstáculo à formação para emancipação, limitando o desenvolvimento de sujeitos autônomos e críticos.

Nesse contexto, o avanço das forças produtivas, ao transformar e flexibilizar as demandas do trabalho, exige operações intelectuais cada vez mais especializadas para a produção material. Paradoxalmente, tal exigência não propicia o pensamento crítico, mas sim a formação de sujeitos/produtores submetidos a uma razão utilitarista, cuja função primordial é adequar-se à lógica produtivista. Essa perspectiva valoriza

exclusivamente o conhecimento instrumental, aquele que contribui para o aumento da produtividade e a funcionalidade econômica.

Esse ambiente, além de dificultar o exercício de uma razão crítica, reforça uma concepção do saber como mera ferramenta para atender às exigências do mercado, perspectivas que reduzem o conhecimento a uma lógica instrumental. Por conseguinte, o ser humano é moldado para atender às demandas produtivas, em detrimento de uma formação integral e verdadeiramente transformadora. Uma dinâmica que torna a sociedade mais vulnerável às forças que promovem a irracionalidade e manipulam o conhecimento em benefício de interesses particulares, ao mesmo tempo em que exigem sujeitos produtivos, capazes de impulsionar a produção com maior eficácia. Demanda sujeitos que intensificam seus esforços e resultados, enquanto reduzem os custos e tempo de produção (Dardot; Laval, 2016).

Esses fatores nos impõem o desafio de examinar as dinâmicas sociais e os obstáculos que tornam o conhecimento formativo um campo de luta. Interrogar sobre o conhecimento formativo em tempos de anti-intelectualismo implica confrontar as forças que restringem a autonomia do saber e reafirmar o papel essencial da educação na construção de uma sociedade verdadeiramente crítica e emancipada.

A consumação da racionalidade tecnológica na civilização, conforme os avanços técnico-científicos são absorvidos pela indústria da informação e comunicação (Marcuse, 2015), possibilita uma produção massiva, diversificada e imediata de conteúdos, frequentemente desvinculados do compromisso com a verdade. Esse contexto promove a disseminação acrítica e a distorção de informações, estabelecendo um ambiente em que a velocidade da transmissão de dados prevalece sobre o tempo necessário para acessar, refletir e analisar criticamente os conteúdos, intensificando, assim, as tendências anti-intelectualistas.

Assim, embora o avanço da ciência e da tecnologia tenha o potencial de democratizar o acesso ao conhecimento, sua instrumentalização pelos meios de comunicação globalizados facilita a propagação de informações falsas, as *fake news*, que frequentemente substituem o saber científico por narrativas simplistas e sensacionalistas, visando manipular a opinião das massas. Nesse processo, a apropriação da cultura pela indústria não tem sido acompanhada por um processo de humanização, essencial para que o conhecimento contribua efetivamente para o desenvolvimento integral do ser humano.

O avanço da indústria cultural tem contribuído para que a humanidade caminhe na contramão, um retrocesso que promove o anti-intelectualismo sustentado pela razão irracional e pela opinião. A produção em massa e efêmera de informações, somada à sua recepção acrítica, prioriza o acúmulo de dados em detrimento da experiência e da reflexão – elementos essenciais para uma formação crítica e transformadora. Esse mecanismo promove a conformação social, ao invés de fomentar o pensamento autônomo (Adorno; Horkheimer, 2006).

No Brasil, esse contexto tem reacendido tendências anti-intelectualistas e negacionistas, que rejeitam ou desvalorizam o saber científico, substituindo-o por informações imediatas, fragmentadas e passageiras, prejudicando o diálogo e a reflexão crítica. A sociedade se encontra diante de uma encruzilhada; de um de um lado, a necessidade de valorizar o questionamento rigoroso e a análise fundamentada em evidências; de outro, a ascensão de uma cultura da desinformação, que ameaça a própria base da razão e do esclarecimento necessários à emancipação.

Essas tendências anti-intelectualistas se materializam nas recentes reformas educacionais no Brasil. O Novo Ensino Médio (Brasil, 2024), ao reduzir significativamente a presença das disciplinas de humanidades – como filosofia, sociologia e história – ao status de eixos optativos, e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017), ao priorizar competências individuais alinhadas às demandas do mercado, exemplificam a instrumentalização da educação em favor de uma lógica mercadológica. Paralelamente, iniciativas como o projeto Escola sem Partido reforçam uma perspectiva que inibe o debate crítico e plural, impactando negativamente o ensino, a pesquisa e a extensão, além de comprometer a própria possibilidade de um debate intelectual e democrático.

Nesse cenário marcado por obstáculos ao pensamento crítico e debate intelectual, consideramos importante discutir os desafios e possibilidades que constituem o conhecimento formativo em tempos de anti-intelectualismo. Fundamentados na Teoria Crítica da Sociedade de Adorno e Horkheimer, propomos uma análise contextualizada das dinâmicas históricas e sociais que moldam as formas de conhecer. Nossa objetivo é promover o debate e a reflexão sobre os fundamentos do conhecimento científico e do pensamento crítico, essenciais para a formação de uma sociedade esclarecida e emancipada.

Além do mais, buscamos promover a reflexão e o diálogo sobre os desafios contemporâneos e identificar possibilidades de enfrentamento e resistência ao processo

de regressão cultural e humana. Uma formação voltada à emancipação do sujeito pode oferecer condições para que se pense a relação entre indivíduo e sociedade de forma crítica, evitando a perpetuação de situações de violência e desumanidade. Assim, reafirmamos o compromisso com a transformação social e com a construção de caminhos que favoreçam o fortalecimento de uma formação cultural que valorize a autonomia, a justiça e a dignidade humana.

## INFORMAÇÃO VERSUS EXPERIÊNCIA: Obstáculos ao conhecimento para formação

A sociedade contemporânea, caracterizada pelo capitalismo flexível, é marcada pela intensa produção, disseminação e acumulação de informações de forma imediata e diversificada. Esse cenário, embora amplie o acesso a dados, também impõe desafios significativos à capacidade humana de realizar experiências formativas. O aligeiramento no fluxo de informações dificulta a reflexão aprofundada sobre os conteúdos e seus contextos, criando obstáculos para a construção de conhecimentos duradouros e críticos.

Nesse ambiente, a experiência humana – entendida como um processo de interação reflexiva com o mundo – é gradualmente substituída por informações fragmentadas, desconectadas e efêmeras, que rapidamente são substituídas por novas. Tal dinâmica paralisa a capacidade do sujeito de questionar e imaginar outras formas de compreender a realidade, favorecendo uma conformidade acrítica às estruturas dominantes (Chaves, 2015). Este estudo busca explorar os impactos desse excesso de informações sobre o empobrecimento da experiência e os desafios para o conhecimento em um mundo moldado pela lógica da aceleração e da efemeridade das informações, pois:

Na substituição da antiga forma narrativa pela informação, e da informação pela sensação reflete-se a crescente atrofia da experiência. Todas essas formas, por sua vez, se distinguem da narração, que é uma das formas mais antigas de comunicação. Esta não tem a pretensão de transmitir um acontecimento, pura e simplesmente (como a informação o faz); integra-o à vida do narrador, para passá-lo aos ouvintes como experiência. Nela ficam impressas as marcas do narrador como vestígios das mãos do oleiro no vaso da argila. (Benjamin, 1983, p. 107).

A narração apresentada por Walter Benjamin (1983) é uma forma privilegiada de transmissão de experiências, por meio da qual o narrador comunica não apenas fatos, mas

imprime sua vivência naquilo que transmite, permitindo ao ouvinte integrar essa narrativa à sua própria experiência. Nesse sentido, a narração ultrapassa a mera comunicação de acontecimentos: ela conecta sujeitos, gera compreensão das formas de viver e reforça o tecido da humanidade, estabelecendo um vínculo entre quem narra e quem ouve. A experiência compartilhada por meio da narração enriquece tanto o emissor quanto o receptor, funcionando como um processo formativo essencial para a compreensão crítica e para a construção de uma visão de mundo mais ampla.

Em contraposição, na sociedade contemporânea, marcada pela lógica do excesso de informação, a comunicação tende a se restringir à transmissão de fatos isolados e fragmentados. Diferentemente da narração, como desenvolvido por Benjamin (1983), a informação visa à objetividade e à instantaneidade, mas não tem o propósito de incorporar a vivência do informante à experiência do receptor. Quem informa comunica um acontecimento, mas não imprime sua marca, não estabelece vínculos profundos e, sobretudo, não possibilita que a informação se transforme em experiência.

Esse modelo informacional, amplificado pela globalização e pelos meios digitais, embora se apresente como um avanço para o acesso ao conhecimento, ao invés de enriquecer o saber, a lógica do acúmulo de informações acaba empobrecendo-o. A informação efêmera, desconectada de contextos mais amplos e desprovida de reflexão, dificulta a assimilação significativa dos conteúdos, impedindo que se transformem em experiências formativas. Como resultado, o sujeito contemporâneo torna-se cada vez mais vulnerável à superficialidade e ao imediatismo, perdendo a capacidade de integrar e interpretar criticamente os dados que recebe.

A formação humana, entendida como um processo de apropriação da cultura, que vai além da instrução técnica e visa o desenvolvimento integral e emancipatório do sujeito, é diretamente impactada por essa perda de experiência. A substituição da narração reflexiva pela informação fragmentada coloca obstáculos ao conhecimento capaz de realizar a formação humana, que requer tempo, diálogo e reflexão crítica. Assim, o excesso de informações, ao invés de promover a compreensão das formas de viver e da humanidade, como Benjamin (1983) sugere ser possível por meio da experiência, gera isolamento, desconexão e conformismo, reduzindo o potencial emancipador do conhecimento.

Portanto, repensar a comunicação no contexto da formação humana exige resgatar a dimensão narrativa como meio de restaurar a experiência e, consequentemente, a riqueza do conhecimento. No entanto, essa abordagem contrasta diretamente com o funcionamento da indústria cultural, que produz informações de forma a consolidar ideologias destinadas a legitimar a necessidade social de seus produtos. A indústria cultural, como destacam Adorno e Horkheimer (2006), transforma a cultura em mercadoria, submetendo-a ao domínio da administração e eliminando qualquer resistência. Essa lógica reforça o modo de produção

capitalista, evidenciando como a totalidade da produção social é orientada pelos interesses do capital, em detrimento de uma formação humana emancipadora e crítica.

O fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitáveis a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais. O contraste técnico entre poucos centros de produção e uma recepção dispersa condicionaria a organização e o planejamento pela direção. Os padrões teriam resultado originalmente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência. (Adorno; Horkheimer, 2006, p. 100).

A indústria cultural, nesse contexto, opera sob a lógica de padronização que sustenta a manutenção e o desenvolvimento do mundo administrado. Esse sistema reflete o poder exercido pelos economicamente mais fortes sobre a sociedade, consolidando uma racionalidade pautada pela dominação. Como observam Adorno e Horkheimer (2006), essa dinâmica promove a alienação da sociedade em relação a si mesma, ao mesmo tempo em que reforça as estruturas de controle e submissão.

Essa lógica de padronização promovida pela indústria cultural encontra terreno fértil na realidade brasileira, marcada por uma crescente defesa do anti-intelectualismo. Essa tendência se manifesta em ações que comprometem a promoção do debate intelectual, do conhecimento e do discernimento crítico. Exemplos disso incluem o projeto “Escola sem Partido”, que propõe uma suposta neutralidade política e ideológica nas escolas, o que desestimula a reflexão crítica sobre os fatos históricos necessários para compreensão da realidade atual (Antonio; Oliveira, 2017); a implementação do Novo Ensino Médio, que reduz o espaço das disciplinas de humanidades; a militarização das escolas, que privilegia a disciplina em detrimento da construção do conhecimento; e o descaso com a educação pública, consolidado pelos cortes de investimentos, sucateamento da carreira docente e substituição de professores por recursos digitais.

Nesse cenário, o anti-intelectualismo emerge como uma expressão velada de hostilidade à formação humana, à ciência e ao esclarecimento pela razão, camuflada pela manutenção de estruturas de poder e privilégios que vinculam o saber ao domínio social. Como observa Resende (2015), essa lógica subordina parte da produção científica e acadêmica à racionalidade instrumental, reduzindo-a a uma prática produtivista útil aos interesses dominantes. Consequentemente, a prática pedagógica é direcionada para fins meramente operacionais, voltados exclusivamente à profissionalização, afastando-se de seu papel essencial na formação crítica e emancipatória dos sujeitos.

Dentro dessa perspectiva, que ameaça a possibilidade do debate intelectual, parte significativa das produções científicas e acadêmicas se tornam emblemas de uma (i)racionalidade nos processos educativos. Essas produções são reduzidas a ferramentas de uma prática produtivista útil e adequada aos interesses do poder, enquanto a prática pedagógica se limita a um meio operacional, voltado exclusivamente à profissionalização (Resende, 2015).

Uma lógica que reduz tudo, a vida, as culturas, as sociedades, as pessoas, a um parâmetro de qualidade padronizado que se desenvolve em um consumismo que escapa ao controle da consciência individual, tanto de ideias quanto de mercadorias. Essa produção científica e acadêmica instrumentalizada não visa a formação para emancipação humana, pelo contrário, é uma prática direcionada à acumulação de saberes, sem reconhecer qualquer possibilidade de agir verdadeiramente racional e autônomo.

Essa lógica reduz a vida, as culturas, as sociedades e as pessoas a um único parâmetro de qualidade padronizado, inserido em um consumismo que escapa ao controle da consciência individual, tanto no que se refere a ideias quanto a mercadorias. A produção científica e acadêmica, nesse contexto, perde seu caráter emancipatório, transformando-se em uma prática voltada para a acumulação de saberes, sem reconhecer a possibilidade de agir de forma verdadeiramente racional e autônoma.

Essa (i)racionalidade cria um ambiente propício para a produção e circulação de *fake news*, notícias falsas que circulam como se fossem verdades absolutas, reforçando a confusão entre verdade e mentira, e desafiam a democracia e o conhecimento científico. Esse processo mascara a estrutura contraditória da sociedade de classes. De acordo com Adorno (2012), a informação deveria ter a função de esclarecer um determinado assunto e possibilitar um julgamento mais preciso sobre ele. Contudo, com o aumento do fluxo de notícias falsas, observa-se um empobrecimento da experiência crítica, pois ao indivíduo não é concedida a oportunidade de refletir criticamente sobre o conteúdo e a forma das informações que recebe.

As *fake news* são narrativas falsas difundidas socialmente sob diversas formas, como mentiras propriamente ditas, meias-verdades, boatos, plágios, exageros, golpes, bem como as notícias falsas. Todas elas desconsideram a possibilidade de acesso ao conhecimento, seja ele científico do senso comum (Leal, 2021). Sua produção e disseminação ocorrem em um ritmo mais acelerado que supera a experiência humana, sendo concebidas com um simples clique e consumidas sem questionamento. Esse

fenômeno empobrece as possibilidades de que uma formação para autonomia aconteça. A maneira como a indústria cultural tem produzido e propagado informações e *fake news* constitui uma expressão sutil do domínio em massa da razão instrumental, pois age como mecanismo de manipulação para formar indivíduos conformados e adaptados à lógica da sociedade capitalista.

A indústria cultural se configura como um mecanismo que duplica a consciência das massas, projetando como uma cópia que reproduz continuamente a recusa ao diferente e ataca a própria ciência, na contramão da crítica basilar às determinações que insistem em preservar a base de uma sociedade dividida em classes. Ela impõe a imitação, alimenta uma frieza e promove a regressão social e individual (Adorno, 1983). Nesse sentido, a indústria cultural constitui-se como um mecanismo de manipulação contra qualquer possibilidade de reflexão crítica sobre a cultura e obstrui o processo de formação.

Ergue-se uma falsa consciência de liberdade, que aniquila a verdade e exalta a opinião, pois o pensamento se submete a um sistema racional administrado pela lógica do consumo de elementos culturais socialmente aceitos. Esse sistema visa à ideia de “integração social” (Adorno, 2010, p. 16) ao ponto de eliminar a tensão entre indivíduo e coletividade, suprimindo as diferenças e criando a ilusão de que a desigualdade de classe não existe e que as barreiras sociais são naturais. O “véu” da integração oculta as desigualdades e nivelava as classes sociais.

A emancipação é irreconciliável com o controle sobre as formas de conhecer e refletir sobre a realidade e o modo como se vive nesse mundo. Ela não aceita a imposição de um padrão de “personalidade bem integrada” (Adorno, 2015, p. 101), que supõe a harmonia social entre parte e todo, entre universal e particular. A indústria cultural dissemina essa pseudorreconciliação com um mundo irreconciliável, pois nivelava por cima todos como consumidores, apresentando o momento subjetivo da sociedade como uma objetificação coisificada, um processo de pseudoformação (Adorno; Horkheimer, 2006). Esse processo de pseudoformação está em estreita relação à razão enquanto um instrumento a serviço do progresso capitalista, criando condições favoráveis à violência e à barbárie. A dificuldade de pensar o objeto, a imediaticidade da relação com as informações constitui uma pseudoformação propícia à reprodução e manutenção de estereótipos, clichês e *tickets*.

Nas sociedades dominadas pela razão instrumental, predomina a “mentalidade do *ticket*”, que se caracteriza pela adesão imediata e não pensada à realidade social. Isso

ocorre por meio da aceitação passiva e da reprodução de clichês prontos, que são usados de forma arbitrária e em contextos variados, sendo totalmente definidos pela finalidade que lhes é atribuída dentro de um esquema pré-estabelecido (Adorno; Horkheimer, 2006).

Hoje, os indivíduos recebem do poder seus tickets já prontos, assim como os consumidores que vão buscar seu automóvel nas concessionárias da fábrica. O senso de realidade, a adaptação ao poder, não é mais resultado de um processo dialético entre o sujeito e a realidade, mas é imediatamente produzido pela engrenagem da indústria. (Adorno; Horkheimer, 2006, p. 169).

A reprodução de estereótipos, clichês e *tickets* está intimamente relacionada à perda da experiência do indivíduo, o que o conduz a uma regressão que o afasta de sua humanidade. Esse processo se conecta à passagem para mentalidade do *ticket*, em que o pensamento sobre as condições atuais da sociedade é mediado por esquemas prontos, regulados pelo mercado, que sustentam a perpetuação de estereótipos e rótulos persistentes. Esses mecanismos reforçam situações de preconceito que favorecem certos grupos em detrimento de outros, perpetuando um jogo de dominação e poder.

Para Adorno (2012), o conhecimento é uma possibilidade de intervir na realidade e transformá-la, oferecendo os meios necessários para evitar a repetição da barbárie, entendida como a manifestação de comportamentos extremistas, preconceituosos, opressivos, genocidas e torturantes, que negam os princípios da humanidade. Sob essa perspectiva, a pseudoformação e a racionalidade instrumental, presentes nos modos de produção da vida humana em tempos de anti-intelectualismo, constituem obstáculos ao conhecimento e à formação de um sujeito emancipado, criando condições favoráveis à barbárie. Ao desvelar as raízes do movimento que possibilitam a instauração da barbárie, torna-se possível encontrar elementos e condições para intervir e reverter seu curso (Adorno, 1995).

## A DIALÉTICA DO CONHECIMENTO E DA RAZÃO

A constituição do conhecimento é um processo atravessado pela dialética entre diferentes formas de compreensão e produção da realidade. Nesse cenário, o esclarecimento e o mito se apresentam como polos opostos que, ao mesmo tempo, se interrelacionam na reflexão crítica tanto da ciência quanto das narrativas míticas. A

ciência, enquanto forma de conhecimento racional e sistemática, busca desvendar os processos do mundo por meio da análise crítica e da evidência empírica. No entanto, mesmo a ciência, ao se constituir como uma busca por objetividade e verdade, não está isenta de aspectos ideológicos ou mitológicos que podem influenciar suas práticas e interpretações.

Por outro lado, o mito, que se caracteriza pela narrativa simbólica e pela construção de significados a partir de elementos transcendentais ou sobrenaturais, também desempenha um papel fundamental na configuração das realidades sociais e culturais. Os mitos são formas utilizadas inicialmente pelos povos gregos antigos para explicar fatos da realidade e fenômenos da natureza com o objetivo de transmitir conhecimento, uma tentativa de dar sentido à existência humana e explicar fatos que a ciência ainda não havia explicado. “O mito queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar. Com o registro e a coleção dos mitos, essa tendência reforçou-se. Muito cedo deixaram de ser um relato, para se tornarem uma doutrina” (Adorno; Horkheimer, 2006, p. 20).

Acontecimentos históricos também podem se transformar em mitos, se tiver uma representação simbólica ou explicativa muito importante para uma determinada cultura, na medida em que são impostos como verdade e livram os homens da posição de sujeito do conhecimento, sem nenhuma possibilidade de questionamento e reflexão.

O esclarecimento pela razão visa explicar a vida, os fatos da realidade e fenômenos da natureza com o objetivo livrar os homens da posição de medo e levá-los ao seu estado de maioridade, concedendo-lhes a liberdade de pensar criticamente. “O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber.” (Adorno; Horkheimer, 2006, p. 17). Contudo, o esclarecimento não cumpre o que promete, pois, embora busque superar o obscurantismo do mito, é constantemente desafiado pela força persuasiva e sedutora das narrativas míticas que permeiam a sociedade, de modo que “o mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder” (Adorno; Horkheimer, 2006, p. 21).

O processo dialético entre esclarecimento e mito não é apenas uma oposição, mas uma contradição expressa na realidade, que pode levar ao avanço do conhecimento ou à sua limitação, dependendo de como esses dois elementos se entrelaçam. A dialética do conhecimento perpassa pela reflexão de como a ciência, o mito e o esclarecimento

pela razão se relacionam com a contradição de que a dinâmica entre esses três fatores pode tanto promover o desenvolvimento do conhecimento quanto resultar na sua distorção ou manipulação.

Ao racionalizar os fatos da realidade e os fenômenos da natureza, o esclarecimento perde tanto os símbolos quanto os conceitos universais que constituíram tais símbolos, perpetuando um estado de menoridade no qual ninguém pode sentir-se seguro. O homem afasta-se de sua natureza humana, não reconhece sua condição social, e o que era para ser esclarecimento, ou seja, o uso da razão para propiciar uma vida humana justa, livre e digna, vira mito. O esclarecimento não deu conta do desenvolvimento da humanidade.

Em nome do progresso técnico o sujeito nega sua determinação social, elimina sua consciência social, coisifica-se e abandona o programa de emancipação. A própria razão tornou-se um mero instrumento da aparelhagem econômica que a tudo engloba e que torna aparentemente igual no mercado o que seria diferente (Adorno; Horkheimer, 2006).

O preço dessa vantagem, que é a indiferença do mercado pela origem das pessoas que nele vêm trocar suas mercadorias, é pago por elas mesmas ao deixarem que suas possibilidades inatas sejam modeladas pela produção das mercadorias que se podem comprar no mercado. Os homens receberam o seu eu como algo pertencente a cada um, diferente de todos os outros, para que ele possa com tanto maior segurança se tornar igual. Mas, com isso nunca se realizou inteiramente, o esclarecimento sempre simpatizou, mesmo durante o período do liberalismo, com a coerção social. A unidade da coletividade manipulada consiste na negação de cada indivíduo; seria digna de escárnio a sociedade que conseguisse transformar os homens em indivíduos. (Adorno; Horkheimer, 2006, p.24).

O esclarecimento foi consumido por uma racionalidade útil para legitimar um modelo de coletividade sustentado por relações de dominação, afastando-se da exigência clássica de refletir sobre o próprio processo de pensar (Adorno; Horkheimer, 2006). Ao converter a razão em um meio puramente utilitário, essa racionalidade impõe limites à formação orientada para emancipação. Seu caráter de adaptação, reprodução e manutenção das condições sociais existentes acaba por resultar em uma pseudoformação (Adorno, 2010), que obstrui o desenvolvimento de uma consciência crítica capaz de desafiar as estruturas de poder dominantes.

A constituição do conhecimento é atravessada pela dialética do esclarecimento, um movimento que se caracteriza simultaneamente pelo progresso e pela regressão. Ao

demonstrar que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor, revela-se a contradição fundamental entre a busca pela emancipação e os mecanismos que, simultaneamente, promovem a manutenção das estruturas de poder. Essa tensão entre avanço e retrocesso aponta para os limites da razão instrumental, que, ao ser utilizada para legitimar o mundo administrado, não acolhe a reflexão e impede a realização do potencial crítico do conhecimento e da liberdade.

Contudo, acreditamos ter reconhecido com a mesma clareza que o próprio conceito desse pensamento, tanto as formas históricas concretas, as instituições da sociedade com as quais está entrelaçado, contém o germe para a regressão que hoje tem lugar por toda parte. Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino. Abandonando a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento cegamente pragmatizado perde seu caráter superador e, por isso, também sua relação com a verdade. (Adorno; Horkheimer, 2006, p. 13).

A produção de ideias e mercadorias para diferentes segmentos da sociedade elevou o consumismo a um ritual do pensamento, que impede a reflexão crítica sobre as formas de produção da vida humana. Os avanços tecnológicos contemporâneos geram impactos profundos na constituição subjetiva, afetando a forma como o pensamento social se realiza, sendo, muitas vezes, desqualificado pelos próprios detentores do poder como mera ideologia. Nesse contexto, o esclarecimento se transforma em uma ferramenta de mistificação das massas, contribuindo para a perpetuação das estruturas de dominação (Adorno; Horkheimer, 2006).

Adorno e Horkheimer (2006) abordam uma problemática que vai além da mera produção de conhecimento no campo científico, questionando, antes, o sentido desse conhecimento dentro de um padrão cultural em que o pensamento é convertido em mercadoria e a linguagem reduzida ao seu mero esclarecimento. Esse processo está intimamente ligado ao consumismo desenfreado, que, ao estreitar as possibilidades de reflexão crítica e distorcer a razão, reforça a lógica da razão instrumental. A razão, então, deixa de ser um meio de questionamento e emancipação para se tornar um instrumento de adaptação, consolidando as condições do poder e da conformidade social.

Diante desse cenário, podemos questionar: como o sujeito se relaciona com o conhecimento dentro de um mundo administrado pelo capitalismo, em que a razão se transforma em um mero instrumento de adaptação e a linguagem é reduzida ao esclarecimento utilitário? Em um contexto em que o pensamento se converte em

mercadoria e as ideias são consumidas de maneira rápida e desprovida de reflexão, qual é a relação desse sujeito o objeto do conhecimento?

A constituição do conhecimento para a formação humana estabelece uma relação dialética entre sujeito e objeto, na qual o sujeito cognoscente está diante do objeto do conhecimento, seja qual for a sua natureza. A aparente separação entre sujeito e objeto, que se configura como uma contradição, remete diretamente à teoria do conhecimento. Na realidade, essa separação é apenas uma ilusão, pois o sujeito cognoscente tanto constitui quanto é constituído pelo objeto do conhecimento (Adorno, 1995).

O sujeito, portanto, é resultado de sua relação com o objeto e, ao sujeito, é dada a oportunidade de conhecer o objeto. Uma vez separado do objeto, o sujeito se reduz a si mesmo e devora o objeto esquecendo que ele também é objeto (Adorno, 1995). Contudo, ao se distanciar do objeto e tratá-lo como algo externo, o sujeito tende a reduzir sua própria consciência, passando a devorar o objeto e, nesse processo, esquecendo que ele também é parte do todo. Ao negar o objeto, o sujeito enfraquece sua capacidade de reconhecer o outro como humano, limitando assim sua própria formação e a consciência de sua humanidade.

Somente a tomada de consciência do social proporciona ao conhecimento a objetividade que ele perde por descuido enquanto obedece às forças sociais que o governam, sem refletir sobre elas. Crítica da sociedade é crítica do conhecimento, e vice-versa. (Adorno, 1995, p. 189).

O sujeito também é objeto, e assim lhe é dada a oportunidade de conhecer a si mesmo e ao objeto. A práxis possibilita a experiência de o sujeito refletir sobre a base material e a esfera subjetiva no contato com o objeto, na qual sujeito e objeto se determinam ao se relacionarem como elementos fundamentais na constituição um do outro (Adorno, 1995).

Na busca pelo domínio da natureza, o homem desestrói a ilusão de modalidade de espírito conhecedor que, ao se desprender dos mitos, também se perde de todo conceito universal que os constituíram, acaba racionalizando-a, o que caracterizaria o atual desencantamento do mundo.

Sendo assim, o crescente domínio técnico e o controle do homem sobre a natureza, afasta-o da sua condição de humanidade. Em prol do progresso, em vez de produzir um mundo digno e justo, acentua a desigualdade social. Opera segundo a lógica de mercado, estimula o aumento da capacidade de consumo e a melhoria da qualidade

de vida da população em termos de bens materiais equivaleria à venda da sua capacidade crítica em troca de pertencimento a um determinado padrão de normalidade. Assim, a fortuna material exigiria em contrapartida a derrocada do espírito (Adorno; Horkheimer, 2006).

O progresso do conhecimento é o progresso do domínio sobre as forças da natureza. Sempre o homem teve que escolher entre submeter-se à natureza ou submeter a natureza ao eu (Adorno; Horkheimer, 2006). Todavia, o domínio científico da natureza voltar-se-ia contra o próprio dominador, anulando a sua qualidade pensante e o transformando em escravo dos fatos.

O processo de constituição do conhecimento também é atravessado pela dialética entre a razão instrumental e a razão reflexiva-crítica que permite ir além da utilidade do conhecimento para geração de riqueza nos modos de produção capitalista, mas que possa produzir uma consciência histórica sobre o humano, sobre o outro e sobre a vida.

Os modos de produção ocupam um lugar de destaque no desenvolvimento da história. Nas transformações históricas as relações sociais se modificam junto ao desenvolvimento econômico. Frente ao desenvolvimento da sociedade, Horkheimer (1983) indaga sobre a racionalidade subjacente na cultura industrial contemporânea. Nessa perspectiva, as potencialidades de progresso na sociedade capitalista ultrapassam as expectativas de uma sociedade verdadeiramente humana.

Parece que enquanto o conhecimento técnico expande o horizonte do pensamento e da atividade do homem, sua autonomia como um indivíduo, sua capacidade de resistir ao crescente aparato de manipulação de massa, seu poder de imaginação, seu juízo independente são aparentemente reduzidos. O avanço dos meios técnicos de esclarecimento é acompanhado por um processo de desumanização. Assim, o progresso ameaça anular o próprio objetivo que supostamente deveria realizar - a ideia de homem. (Horkheimer, 2015, p. 8).

Na modernidade, o conceito de razão converte-se em um caráter instrumental. O único critério considerado para avaliar a razão passa a ser o seu valor operacional, seu papel no domínio dos homens e da natureza. Assim, os conceitos foram reduzidos a instrumentos racionalizados, tornaram-se meios para otimizar o trabalho e a produção, poupando mão de obra (Horkheimer, 2015).

Nesse processo, a razão se formaliza, e conceitos fundamentais como justiça, igualdade, felicidade e tolerância, antes considerados essenciais ou sancionados moralmente, perdem suas bases intelectuais. O predomínio da razão instrumental reduz

a razão a uma mera operação formal, limitando sua capacidade de oferecer conceitos com validade universal e fundamentos racionais sólidos. Essa redução impede a reflexão profunda e a construção de conceitos que possam ser questionados e sustentados racionalmente.

O predomínio da razão instrumental também se manifesta na maneira como o avanço das tecnologias da informação e comunicação é guiado pelo neoliberalismo, uma discussão que remete às análises críticas sobre as barbaridades do século XX, representadas por Auschwitz, e que atualiza o imperativo ético expresso por Adorno (1995, p. 104): “Auschwitz não se repita”. Este imperativo continua relevante, pois as mudanças históricas no século XXI não alteraram as características fundamentais da razão instrumental (Lunardelli; Maia, 2024).

As tecnologias da informação e comunicação, quando mediadas pela articulação entre forma e conteúdo nas mensagens e nos usos que delas se faz, podem contribuir significativamente para a educação. No entanto, ao serem utilizadas na produção e disseminação de informações de forma imediata e fragmentada, elas podem, paradoxalmente, alimentar a ascensão das tendências anti-intelectualistas, funcionando como um sintoma do predomínio da razão instrumental. Esse predomínio se coloca como um obstáculo ao conhecimento crítico e democrático, tornando a crítica à razão instrumental essencial de resistência à persistência das condições que geram a barbárie, e de luta pela educação como possibilidade para a construção de uma sociedade digna e emancipada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Precisamos repensar novos desafios às formas de conhecimento e à possibilidade de transformação da realidade frente aos seus impactos de como o modo como a reorganização social e produtiva que se desenvolve no capitalismo flexível. Este cenário exige uma reflexão crítica sobre a crise da formação humana e dos conflitos inerentes ao modo como a razão se converteu em instrumento de produção de um conhecimento científico útil à identificação cega com padrões que preservam condições propícias à repetição da desigualdade, do preconceito e da violência.

A mercantilização do saber e a instrumentalização do conhecimento científico, alinhados à lógica pragmática e técnica, são condições objetivas que reforçam o anti-

intelectualismo e dificultam compreender as determinações da realidade social, dificultam a compreensão crítica das condições que mantêm a sociedade desigual e fortalecem o anti-intelectualismo.

O desenvolvimento de uma formação humana crítica e emancipatória é fundamental para superar os padrões que perpetuam a barbárie. A formação humana não deve ser reduzida exclusivamente a um processo de adaptação aos parâmetros socialmente estabelecidos, mas deve ir além, visando a transformação da realidade por meio da reflexão sobre os elementos que sustentam a sociedade desigual. Nesse sentido, a dialética entre conhecimento e formação revela como a regressão social nos afasta gradualmente de uma sociedade livre e justa, onde a razão crítica e a reflexão profunda seriam as bases para a mudança.

Vivemos em tempos em que todo o conhecimento acumulado já possibilitaria condições objetivas para uma vida justa e livre, a formação deveria se voltar para a crítica da razão pela qual isso não se realiza e refletir sobre o que auxilia a preservação de uma sociedade desigual. É na contraposição entre formação e pseudoformação, razão e razão instrumental que podemos avaliar a regressão social que nos distancia, gradualmente, da promoção do conhecimento e o debate intelectual, criando condições para a continuidade de uma realidade fundamentada na dominação e repressão ao pensamento livre. A (i)racionalidade, disfarça de anti-intelectualismo, está impregnada de preconceitos que moldam a sociedade, impedindo a construção de um conhecimento formativo, voltado à liberdade e à justiça social.

Este estudo aponta para a necessidade de uma resistência à racionalidade instrumentalizada e ao saber funcional que domina a sociedade contemporânea. O conhecimento formativo emerge como um caminho de resistência ao domínio da razão e da ciência instrumentalizadas que valorizam o pensamento funcional, adaptado, e que paralisam no sujeito as possibilidades de questionar e refletir sobre um conhecimento que seja pautado na razão reflexiva e crítica com fins humanos, sem perder a relação objetiva e subjetiva com uma sociedade menos desigual.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia alemã. In: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. **Os**

**Pensadores.** Tradução José Lino Grünnewald *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1983.  
p. 209-257.

ADORNO, Theodor W. **Palavras e sinais:** modelos críticos. Tradução Maria Helena Ruschel. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

ADORNO, T. W. Teoria da Semiformação. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. A. S.; LASTÓRIA, L. C. N. (org.). **Teoria Crítica e Inconformismo:** novas perspectivas de pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2010, p. 7-40.

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação.** Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

ADORNO, T. W. Sobre a relação entre sociologia e psicologia. In: ADORNO, T. W. **Ensaios sobre psicologia social e psicanálise.** Tradução Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 71-135.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ANTONIO, K. F.; OLIVEIRA, M. D. B. Escola sem partido: de quem e para quem?. **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação, /S. l./, n. 15, 2017.** Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/11096>. Acesso em: 15 dez. 2024.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. **Textos escolhidos.** Trad. De José Lino Gruewald *et al.* São Paulo: Abril Cultura, 1983.

BRASIL. Ministério da Educação. **LEI N° 14.945, DE 31 DE JULHO DE 2024.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), a fim de definir diretrizes para o ensino médio, e as Leis nºs 14.818, de 16 de janeiro de 2024, 12.711, de 29 de agosto de 2012, 11.096, de 13 de janeiro de 2005, e 14.640, de 31 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.945-de-31-de-julho-de-2024-575696390>. Acesso em: 10 dez. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Educação é a Base. Brasília, MEC; CONSED; UNDIME, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf). Acesso em: 10 dez. 2024.

CHAVES, Juliana de Castro. Capitalismo dos monopólios e indústria cultural: formação do sujeito sujeitado. In: CHAVES, J. C.; BITTAR, M. GEBRIM, V. S. (Org.) **Escritos de psicologia, educação e cultura.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

HORKHEIMER, Max. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. **Os Pensadores**. Traduções de José Lino Grunnewald *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. Tradução de Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

LEAL, Bruno. Fake news: do passado ao presente. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos combates pela História: desafios - ensino**. São Paulo: Contexto, 2021. p. 147-174.

LUNARDELLI, A. F.; MAIA, A. F.. Razão Instrumental e Educação: Reflexões Sobre A Escola E As Novas Tecnologias. **Educação em Revista**, v. 40, p. e41048, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-469841048>. Acesso em: 1 nov. 2024.

RESENDE, Anita, C. A. Razão e dês-razão ou como sair vivo daqui? In: CHAVES, J. C.; BITTAR, M. GEBRIM, V. S. (Org.) **Escritos de psicologia, educação e cultura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015.

Submetido em: 30/11/2024

Aceito em: 27/01/2025